

Dialética hoje

filosofia sistemática



Organizadores
Eduardo Luft
Rosana Pizzatto



Editora Fundação Fênix

Direção editorial: Agemir Bavaresco
Diagramação: Editora Fundação Fênix
Capa: Editora Fundação Fênix by <https://pt.freeimages.com>

O padrão ortográfico, o sistema de citações, as referências bibliográficas e o conteúdo de cada capítulo são de inteira responsabilidade de seu respectivo autor.

Esta obra é licenciada sob uma licença Creative Commons - Atribuição CC BY 4.0, sendo permitida a reprodução parcial ou total desde que mencionada a fonte.

[Http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR](http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



Esta obra contou com o fomento do CDEA – Centro de Estudos Europeus e Alemães e da CAPES.



Série Filosofia – 03

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

LUFT, Eduardo; PIZZATTO, Rosana. (Orgs). **Dialética Hoje: Filosofia Sistemática**. Vol 1 [recurso eletrônico] / LUFT, Eduardo; PIZZATTO, Rosana. (Orgs.), Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix, 2019.

210p.

ISBN - 978-65-81110-02-4

DOI: <https://doi.org/10.36592/978-65-81110-02-4>

Disponível em: <https://www.fundarfenix.com.br>

CDD-100

1. Filosofia. 2 Filosofia Sistemática. 3. Dialética. 4 Hegel.
Índice para catálogo sistemático – Filosofia e disciplinas relacionadas – 100

Dialética Hoje: Filosofia Sistemática

Em dezembro de 2018 nos reunimos, pesquisadores(as) e professores(as), no *I Colóquio Dialética Hoje – Filosofia Sistemática*, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sob a coordenação do Prof. Eduardo Luft, com o principal objetivo de repensar e discutir a filosofia dialética e sistemática à luz dos desafios da realidade contemporânea.

O enfrentamento deste tema exige um retorno crítico à fonte produtiva dos últimos grandes projetos de sistema desenvolvidos no Idealismo Alemão, e a seus interlocutores próximos e remotos. Em um de seus ensinamentos que continua atual, Hegel diz que a filosofia é o “seu tempo apreendido em pensamentos”. Justo por isso o projeto de uma atualização crítica da filosofia sistemática é tão decisivo. Em uma época em que a pretensão sistemática tão típica do fazer filosófico parece a cada dia mais distante, em que mesmo o abrangente e ambicioso projeto dialético terminou por reverter em uma dialética apenas negativa, em que a unidade da razão perdeu-se na multiplicidade caótica das vozes desencontradas, é preciso mais uma vez recolocar a pergunta: como pensar a totalidade, e não apenas este ou aquele de seus segmentos dispersos?

Quando direcionamos nosso olhar para a história, para o mundo, para as diferentes culturas, o que vemos são inúmeras configurações que nada mais são do que eventos, atuais ou potenciais, que se manifestam seguindo uma sempre renovada busca por coerência, desdobrada em seus múltiplos modos possíveis. O pensamento e a realidade não seguem uma lógica determinista ou mecanicista, como teorizou a maioria dos filósofos da tradição moderna, mas uma lógica relacional, processual e dinâmica que se movimenta dialeticamente entre o predomínio da unidade sobre a multiplicidade, da necessidade sobre a contingência, ou o seu reverso. Uma realidade exigente, permeada por opacidade, mas sempre aberta a novas explorações.

Assim, com a preocupação de contribuir para a retomada do caminho filosófico, reintegrando os saberes dispersos na unidade dissonante da razão dialética publicamos aqui, em nove capítulos, os resultados provisórios de nossas pesquisas.

Eduardo Luft abre esta obra com uma reconstrução crítica e especulativa da *Filosofia do Direito* de Hegel – especialmente a sequência da tríade Direito abstrato, Moral e Eiticidade – derivada da reelaboração do projeto de sistema de filosofia em seu todo. Às vezes mais próximo, às vezes mais distante da intenção original de Hegel, como ficará claro ao leitor no decorrer do texto, o autor desenvolve a ontologia regional que faz emergir o Direito, sob o pano de fundo de uma ontologia geral que permite iluminar o ponto de partida e o destino da lei, a liberdade humana. A partir da compreensão relacional e processual da ontologia dialética, o texto destaca que tudo o que existe e pode existir ocorre como um evento instaurado em tramas relacionais processuais, de modo que não há entidades isoladas de outras entidades, nem mesmo essências ou estruturas que permaneçam idênticas e inalteráveis, intocadas pelo devir presente em tudo o que existe. Esta liberdade metafísica desdobra-se em uma liberdade humana no âmbito daquelas sociedades que a viabilizam, efetivando o bem político, o crescimento diretamente proporcional de sociabilidade e individualidade.

No segundo artigo, Luciano C. Utteich tematiza a importância do conceito de felicidade na teoria moral kantiana. O autor atenta ao fato de que o desenvolvimento de alguns conceitos morais – como o de boa-vontade, de máxima, de imperativo, de autonomia, de reino dos fins, dentre outros – em detrimento do conceito de felicidade, inscrito na *Fundamentação da metafísica dos costumes*, não diminui a importância deste último conceito. Na segunda parte da *Crítica da razão prática*, Kant retoma o tema da felicidade para dar um significado pleno à teoria moral. Esse percurso é perpassado pelo entrelaçamento das dimensões sensível e inteligível da vontade humana, identificadas a dois níveis distintos da noção do Eu (*Ich, Selbst*), em acordo com as faculdades inferior e superior da vontade. Ao final, o texto elucida a proposta de subordinação da dimensão sensível da vontade à inteligível como uma certa encarnação da razão no domínio sensível para promover a felicidade prometida.

A localização do pensamento liberal no contexto germânico moderno é o tema principal do terceiro artigo. Na busca pela compreensão tanto das particularidades do liberalismo alemão quanto das ramificações mais amplas do liberalismo na Inglaterra e na França, Henrique Raskin investiga o contexto político, religioso e filosófico de sua gênese, a fim de esclarecer quais fatores

existiam nos territórios germânicos para que, lá, o liberalismo se desenvolvesse de maneira distinta de outras regiões da Europa. Para o autor, isso significa captar o caráter teológico, pluralista, subjetivista e reflexivista que o contexto germânico viria a introduzir nos pensadores de então, para frisar que o próprio pensamento, em sua abstração, é produto, em certa medida, das condições concretas do contexto em que se situa.

O quarto artigo apresenta algumas coordenadas para a compreensão da ideia de liberdade em Hegel a partir da dialética das modalidades. A partir da questão “O que Hegel quer dizer quando insiste em afirmar que o Conceito é o reino da liberdade?”, Vitor V. de Araújo pretende mostrar a necessidade como possibilidade de afirmar o caráter livre do Conceito, e também acentuar, neste ponto da obra, a insuficiente determinação desta liberdade, uma vez que a necessidade absoluta imprime ao Conceito um limite mínimo: o de ser necessariamente uma estrutura autodirigida. Para o autor, a partir deste momento a divisão da Essência se manifesta no sistema hegeliano como a constante tentativa de fazer de uma alteridade uma identidade; e ressalta que o trabalho de converter a alteridade em uma identidade, no entanto, não a deixará intacta. O texto finaliza apontando para dificuldades no debate sobre as ideias de transformação e mudança, devido à ligação da liberdade com a ideia de identidade, e argumentando que a discussão acerca da liberdade não pode ficar restrita à letra hegeliana, embora o lugar ocupado pela dialética seja um bom início.

As ideias principais da teoria da justiça como equidade desenvolvida por John Rawls, como uma concepção política e pública liberal de justiça para um regime democrático constitucional, são examinadas por Lourdes P. Albrecht no quinto artigo. A autora discute os três principais pontos da crítica de Michael Sandel ao liberalismo político rawlsiano, especialmente a controvérsia entre a prioridade do justo em relação ao bem. Também aponta em que medida essas objeções se apresentam como limites para a realização da justiça, considerando que a concepção política de justiça está ligada a noções de bem, sendo o justo e o bem complementares no liberalismo.

No sexto artigo, Hellen M. O. Lopes analisa elementos do pensamento político de Hannah Arendt em busca de traços comunitaristas e dialéticos. Para isso, mostra inicialmente a influência de Aristóteles, buscando na ideia de

endoxa, opinião compartilhada, o sentido que Arendt traz das várias vozes presentes na esfera pública; ou seja, a ideia da pluralidade dos agentes que, por meio da ação e do discurso, constituem a esfera pública. Por fim, defende a necessidade da presença permanente desses agentes na esfera pública sob pena de que regimes obscurantistas ressurjam e impossibilitem a manifestação do pensamento no espaço dinâmico e sempre renovado das discussões.

No sétimo artigo, Rosana Pizzatto questiona a concepção triádica da dialética na tradição filosófica ocidental. A partir da pesquisa conceitual no pensamento de Platão e de Hegel, a autora discorre sobre a natureza da *síntese* e sua relação no processo dialético e argumenta que, apesar de certo consenso filosófico em torno da dupla de opostos (tese e antítese) como característica fundamental da dialética – opostos que no primeiro momento (fase negativa), atuam de modo excludente ou de modo correlativo, e no segundo momento (fase positiva) se unificam na síntese –, algumas indagações e divergências reclamam atenção, como: toda dialética tem natureza triádica?; ou é possível concebê-la como diádica – somente com tese e antítese?; em uma possibilidade diádica, a síntese dialética estaria necessariamente ausente, ou estaria integrada no conjunto opositivo? O texto busca esclarecer estas questões e compreender a importância da dialética no universo evolutivo no qual estamos inseridos.

O oitavo artigo traz uma reflexão sobre o significado de uma teoria da totalidade na contemporaneidade. Tendo como ponto inicial um questionamento sobre o estado atual do homem, na filosofia e na ciência, Gabriela N. Souza busca expor uma compreensão geral de duas formas de teoria da totalidade: de Kant e de Hegel. Por fim, a autora vincula a discussão sobre a possibilidade de uma teoria da totalidade hoje a partir de uma recuperação da filosofia poética de Friedrich Hölderlin.

A importância da obra *Fenomenologia do Espírito* (de 1807) para a compreensão da filosofia sistemática de Hegel é o tema do nono artigo. A partir da apresentação de duas divergentes interpretações, Rafael R. Cioquetta confronta e compara a visão que defende a *Fenomenologia* como fundamental para a compreensão do sistema hegeliano em sua totalidade com a visão que a coloca como apenas parte do sistema.

Agradecemos à Editora Fundação Fênix pelo incentivo e publicação dos artigos apresentados e discutidos no colóquio *Dialética Hoje – Filosofia*

Sistemática, e, especialmente, ao PPG-Filosofia da PUCRS por todo o apoio durante e após a realização do evento.

Eduardo Luft
Rosana Pizzatto
Organizadores.